

O feminino em *A história de uma hora*: uma representação da mulher como escritora, tradutora e personagem

Laura Zanetti¹

Universidade Estadual de Maringá

Resumo: A tradução feminista surge como uma maneira de questionar e rever, ressignificar conceitos que subjugavam a tradução como secundária, assim como as mulheres, sempre inferiores aos homens, ao original. Considerando o exposto, buscou-se analisar a figura feminina em *A história de uma hora*, de Kate Chopin, texto de autoria feminina que foi traduzido por Flávia Yacubian, uma mulher, e contém uma personagem principal feminina, Louise Mallard. No conto, a personagem expressa sensações que acredita-se que também reflitam tanto na vida da mulher escritora quanto da tradutora. Para que a pesquisa fosse possível, os estudos de Simon (1996), von Flotow (1997), (2014) e Millet (1970) foram utilizados. Por fim, observou-se que o temperamento, status e papel de cada sexo explicam o pseudo cuidado excessivo com a personagem, assim como a necessidade de a autora se expressar por meio de um conto e a tradutora de reescrever a história, deixando seus traços e marcas em um contexto e época diferentes. Nota-se, ainda, que a interferência, manipulação de Yacubian no conto, ao reescrevê-lo e se posicionar, transformando passagens em que Chopin torna mais evidente uma submissão da personagem para passagens em que Louise adquiriu mais autonomia e autossuficiência, característica das traduções feministas que propiciaram essa liberdade nas escolhas e manipulação do texto fonte. A tradução de Yacubian, a partir da voz de Chopin ao expor a realidade da mulher da época por meio de Louise, cria um novo significado e veicula um discurso social que será alcançado por um público alvo específico e permite que a mulher, que sempre esteve no entre lugar, assuma uma posição central e focalizada.

Palavras-chave: Tradução feminista; Escrita feminista; Literatura feminista; Kate Chopin.

The feminine in The story of an hour: the representation of woman as a writer, translator and character

Abstract: Feminist translation emerges as a method that questions and gives new meanings to concepts which tended to interpret translation as secondary, as well as women, who were always considered inferior to men. Due to the exposed, the aim of this research was to analyze the feminine in *The Story of an Hour*, written by a woman, Kate Chopin, translated by a woman, Flavia Yacubian and with a feminine protagonist, Louise Mallard. The short story shows the protagonist's feelings and emotions in a way that is believed to represent both the woman writer and the woman translator. Therefore, the studies of Simon (1996), von Flotow (1997), (2014) and Millet (1970) were used as theoretical framework. As it was seen, the temperament, the status and the role imposed to the sexes explain the excessive care with the protagonist, in the same way it exposes the necessity Chopin had to express herself writing the short story and Yacubian felt while translating it to Brazilian Portuguese, marking her identity through linguistic choices. This interference made by Yacubian is characteristic of feminist translations, since they opened the way to a manipulation in the text and the choices made. To conclude, Yacubian's translation, by means of Chopin's voice that exposed women's reality using Louise, helps to create new meanings as well as spreads a social discourse that is going to reach a specific target reader, allowing that the women, who were invisible, take over a central and focalized position.

Key-words: Feminist Translation; Feminist Writing; Feminist Literature; Kate Chopin.

¹ Mestranda, Universidade Estadual de Maringá, Pós Graduação em Estudos da Tradução, lczanetti@outlook.com

Introdução

Historicamente a tradução e a mulher foram consideradas como secundárias e mais fracas em relação ao “original” e ao homem, sendo o próprio vocabulário usado para descrever a tradução sexista e baseado em uma ideia de inferioridade e superioridade, fidelidade e libertinagem. Simon (1996, p. 1-7) dá o exemplo do termo “*les belles infidèles*” que há tempos contribui para a noção de que não se pode confiar naquilo que possui beleza, a noção de que fidelidade e beleza não andam juntas, ou se é uma coisa ou outra. A partir disso, a tradução feminista sugere que a fidelidade deveria, então, ser direcionada ao projeto de escrita, no qual tanto o/a autor(a) quanto o/a tradutor(a) participam, visto que este se envolve e investe profundamente no material a ser traduzido, afastando a concepção de ser um processo automatizado, imposto ou organizado por uma autoridade cultural.

Diante do aspecto teórico abordado até então, buscou-se analisar a representação da figura feminina em *A história de uma hora*, de Kate Chopin, por ter sido traduzido por Flávia Yacubian, uma mulher, conter uma personagem principal feminina, Lousie Mallard, e ser de autoria feminina. No conto, a personagem expressa sensações complexas com relação à liberdade da mulher em uma sociedade patriarcal, que também reflete tanto na vida da mulher escritora quanto da tradutora. A análise baseou-se nos estudos de Simon (1996), von Flotow (1997), (2014) e Millet (1970).

Para que a pesquisa fosse possível, ela dividiu-se em dois eixos principais: o primeiro consistiu na leitura do referencial teórico citado, do texto fonte de Kate Chopin e da obra traduzida por Flávia Yacubian, enquanto o segundo se deu com a análise do objeto em consonância com a teoria escolhida e uma comparação entre o texto fonte e texto alvo.

1. Tradução e feminismo

A tradução feminista, de acordo com Simon (1996, p. 7-8), é consciente das escolhas e do modo como traduz os textos fonte e são essas conexões que permitem a observação de como a tradução estrutura e direciona os processos contínuos e intelectuais de transmissão. Os caminhos mediados pela tradução não são automáticos, nem impostos ou organizados por uma cultura racional ao extremo, eles são, por outro lado, envolvidos, emaranhados em materiais que os cercam, com os quais eles se envolvem e influenciam, inteiramente, o processo de transferência.

Desse modo, trouxe à luz o fato de o gênero não ser a identidade primária que emerge do fundo do ser, como pontua Simon (1996, p. 7-8), mas sim uma construção

enunciada em diversas áreas. Uma das áreas identificadas por teóricas feministas, como pontua a autora, é a linguagem, que passou a ser entendida como um lugar de significados disputados, no qual os sujeitos se testam e também provam a si mesmos. A linguagem intervém e contribui ativamente no processo de criação de significado. Por outro lado, a tradução comunica, reescreve e manipula o texto de maneira que esse seja aproveitado por uma segunda cultura, um público com uma outra linguagem. Desse modo, Simon (1996, p. 11-13) explica que, a linguagem pode ser utilizada como uma intervenção cultural, parte de um esforço de alteração das expressões de dominação, seja no nível dos conceitos, da sintaxe ou da terminologia.

O processo de tradução passa a ser visto como fluido nos sentidos, assim como outras formas de escrita, para que os extremos sejam abandonados e aquilo que está no entre lugar se torne o foco de investigação, como as identidades de gênero. Simon (1996, p. 13-15) corrobora sobre o trabalho do tradutor ampliar as próprias dimensões a partir do momento em que a verdade supostamente escondida deixar de ser procurada e passar a ser recriada. A partir do exposto, a autora cita três práticas usadas pela tradução feminista: 1) Suplementação, que compensa as diferenças entre as linguagens e clama pela intervenção do tradutor nesse processo; 2) Uso de prefácios e notas de rodapé, chama atenção ao processo de tradução, ao mesmo tempo que elaboram um relato do possível leitor; 3) *Hijacking*, apropriação, por parte das tradutoras feministas, de texto cujas intenções não são necessariamente feministas. Porém, há, ainda, a transtextualização que surgiu com o modernismo no Brasil. Simon (1966, p. 15-26) explica que essa prática de destronar os cânones, optar por formas não consideradas clássicas envolve uma consciência transgressiva e associada à tradução feminista, implica em expandir e desenvolver o texto de partida, não deformá-lo, pois a tradução não se baseia em uma simples transferência, mas em um processo continuado da criação e circulação de significado em uma ampla rede de textos e discursos sociais. Portanto, a escrita feminista e a prática da tradução se unem de maneira que os textos envolvam uma retórica na qual a subjetividade é considerada.

Em concordância com Simon (1996), Flotow (1997, p. 24-25) discorre sobre as tradutoras terem assumido o direito de questionar os textos sob uma perspectiva feminista, assim como interferirem e modificarem-no quando eles se afastarem deste ideal. Ao interferirem nos textos fonte de maneira política, as tradutoras focalizam sua própria ação tornando perceptível traços misóginos e patriarcais na linguagem, o que permite a eliminação ou modificação deles por terem sido identificados, além de demonstrarem ter poder de fazer escolhas e tomarem decisões com relação ao trabalho que estão realizando. Flotow (1997, p. 27) cita Lotbinière-Harwood (1991 apud 1997) que reflete sobre

nenhum ato de escrita ou tradução ser neutro, sendo a reescrita feminista a transformação da tradução em um ato político que tem o objetivo de tornar as mulheres mais visíveis e presentes tanto na linguagem quanto na sociedade.

A tradução é considerada, então, como uma importante ferramenta para propagar conhecimentos, experiências e trabalhos de mulheres escritoras. Flotow (1997, p. 28-34) explica que esse recurso de tradução enfatiza a resistência da mulher, bem como as diferenças existentes entre elas, deixando evidente o valor que a voz de algumas mulheres têm sobre a de outras. Embora excludente nesse aspecto, a tradução na era do feminismo se torna uma maneira de reescrever heroínas, qualidades e atitudes prescritas às mulheres de outras eras, levando a uma reflexão acerca da utilização e manipulação da linguagem.

Essa reflexão trazida pela tradução na era do feminismo a caracteriza, segundo Flotow (2014, p. 39-40), como sendo, acima de tudo, um ato social, histórico e pessoal, devido a isso, ela acaba sendo pelo contexto. A tradução produz um texto alvo inevitavelmente diferente de um texto de partida, reescrito de maneira específica, para alcançar um público específico. Pergunta-se, a partir disso, quem faz essa reescrita, sob quais circunstâncias, para que público? Por ser influenciada pelo contexto, cada versão de cada texto que for reescrito em cada contexto específico será afetada, necessariamente, pelas circunstâncias que o cercar, influenciando, conseqüentemente, em questões como a de gênero.

Flotow (2014, p. 47-51) discorre, ainda, sobre uma das mudanças que aconteceu nos estudos da tradução com o tempo, que foi o foco no tradutor como sujeito, entendido como aquele que deixa traços, marcas no texto traduzido. A teórica explica que o foco é atribuído ao *background* literário e cultural desse tradutor, assim como na sua posição tradutória e no seu impulso à tradução, ou seja, aquilo que o levou a traduzir determinado objeto. Portanto, os contextos sociais permitem que haja uma preocupação maior em tornar certos materiais, textos acessíveis à determinadas comunidades que não o teriam se não fosse pela tradução. Por outro lado, o mesmo foco pode ser dado em textos que transmitam a ideia contrária, devido ao grupo que detém o poder tentar controlar o que será traduzido.

Finalmente, com relação à escrita feminista, faz-se importante pensar nos estereótipos impostos aos sexos. Millet (1970, p. 23-24) discute sobre o domínio sexual ser a ideologia mais persuasiva da cultura humana que, além de tudo, emprega um conceito de poder que está inteiramente em mãos masculinas. Percebe-se esse domínio ao notar a masculinidade dominante nas divindades, a ética, os valores, a filosofia e até a arte serem de criação masculina, o que acarretou na criação de uma política sexual baseada em temperamento, papel e status de cada um. O status é a maneira persuasiva de preconceito que garante a superioridade masculina sobre a feminina. Já o temperamento envolve a forma-

ção da personalidade humana por meio de estereótipos da categoria sexual, baseada nas necessidades do grupo dominante e ditadas pelo que os membros apreciam em si mesmos ou acham conveniente nos subordinados. É com o temperamento que surge a visão de que o homem é agressivo, inteligente, forte e eficaz e a mulher passiva, ignorante, submissa e ineficaz. Por último, o papel dos sexos determina um elaborado código de conduta, gestos e atitude para cada um dos sexos, sendo direcionadas as tarefas domésticas, o cuidado dos filhos, parceiros e afins às mulheres e as demais conquistas, interesses e ambições humanas aos homens (MILLET, 1970, p. 26).

As distinções de temperamento criadas pelo patriarcado não são, de acordo com Millet (1970, p. 26) originárias da natureza humana, são ainda menos as de status e o papel dos sexos. Segundo ela, devido a esse tipo de diferenciação de temperamento, status e papel, a mulher e o homem adquiriram para si dois tipos de cultura completamente distintos, assim como as experiências de vida, o que Millet (1970, p. 30-31) acredita ser primordial, uma vez que desde a infância um padrão de comportamento e pensamento que as crianças devem seguir, de acordo com seu sexo, foi imposto. Na adolescência, esse padrão se torna mais intenso até se solidificar ao atingir a maturidade. Portanto, a infância seria a fase determinante para o desenvolvimento dessas diferenças entre os sexos, visto que é formada por um ciclo que perpetua e preenche esse tipo de pensamento.

2. A mulher em A história de uma hora

Logo no início do conto é possível notar uma visão enfraquecida da mulher, no caso Louise Mallard, como pode ser observado no excerto “Devido ao problema cardíaco que afligia a sra. Mallard, muito cuidado foi tomado para lhe dar a notícia da morte de seu marido” (CHOPIN, 2017, p. 1). O que parece preocupação, pode demonstrar, também, um ponto de vista de fraqueza, incapacidade e até invisibilidade, explicado por Millet (1970, p. 26) como sendo o temperamento determinado a cada sexo, o qual delineia estereótipos à personalidade dos sexos de acordo com as necessidades impostas pelo grupo dominante. Esse ponto de vista pode ser expandido à mulher escritora, uma vez que o cânone é composto, em sua maioria, por escritores masculinos e por saber-se que muitas mulheres usaram pseudônimos masculinos para conseguirem publicar seus textos. Não só o temperamento influencia no que foi dito, mas também o fato de haver o que Millet (1970, p. 26) chama de papel dos sexos, que delimita os códigos de conduta, gestos e até as atitudes de cada grupo. Nesse ponto, cabe inserir a mulher tradutora, que por não encontrar espaço na escrita e na fala para se expressar, visto que não era considerada ca-

paz e por não ser uma tarefa direcionada a ela, utilizou-se do processo de tradução para tal, fazendo com que a tradução se tornasse importante inclusive, de acordo com Simon (1996, p. 2), nos movimentos sociais em que as mulheres participavam, como a primeira onda do feminismo. Nesse caso, além de enfatizar a resistência feminina, a tradução pode ser considerada como propagadora do conhecimento, experiências e trabalhos de uma mulher escritora, o que Flotow (1997) considera ser um dos recursos mais importantes advindos da tradução.

A sensação de liberdade sentida pela personagem aparece, pela primeira vez, com a descrição de como Louise se sente ao olhar pela janela de seu quarto, “*She could see in the open square before her house the tops of trees that were all aquiver with the new spring life*” (CHOPIN, 2013, 45). Nesse excerto, pode-se entender a escolha de Chopin por usar a construção “*could see*” como um reforço da submissão imposta às mulheres da época, o que se caracterizaria, mais uma vez, no temperamento explicado por Millet (1970), pois a escolha de Chopin pode ser interpretada como a falta de capacidade que a personagem teria de observar cenas naturais do cotidiano como uma possibilidade de liberdade e vida nova, sendo apenas possível quando aquele a quem ela havia sido subjugada partisse. Para a tradução, Yacubian optou por usar “Ela viu na praça em frente à sua casa as copas das árvores trêmulas com o peso da nova vida primaveril.” (Chopin, 2017, p. 2), cuja interpretação pode ser a de ela ter apenas consumado a possibilidade de uma vida nova, não uma simples vida nova, porém, uma vida nova primaveril, excluindo a perspectiva de uma habilidade que deixou de ser inexistente, levando o/a leitor(a) a considerar aquela ação como sempre tendo sido possível, embora precisasse de um momento certo para sua realização. Yacubian ter influenciado no texto com a escolha de “ela viu” e não “ela pôde ver” marca o que Flotow (1997) considera o poder de fazer escolhas e tomar decisões com relação ao trabalho que se está realizando, permitido, principalmente, pelas traduções feministas. Nesse contexto, a escrita feminista e a prática da tradução se uniram de maneira que os textos envolveram uma retórica na qual a subjetividade foi considerada, como aponta Simon (1996).

Torna-se evidente o peso do papel de ser mulher, do temperamento pressuposto à Louise e do status que ela carregava e que exaltam a existência do grupo dominante que seu marido fazia parte, o momento em que ela estava olhando a janela e Chopin a descreve como “*she was young, with a fair, calm face, whose lines bespoke repression and even a certain strength.*” (CHOPIN, 2013, p. 46). A própria expressão, o próprio rosto da personagem carregavam traços do sistema patriarcal no qual ela estava inserida, assim como demonstravam a resistência que ela mantinha para sobreviver àquilo que lhe era

imposto. Millet (1970) explica que o domínio sexual é a ideologia mais persuasiva da cultura humana por ele estar estritamente em mãos masculinas. As linhas do rosto de Louise podem representar também as linhas do rosto de Chopin, que conhecia muito bem a vida de casada da mulher da época e escolheu escrever sobre o assunto. As mesmas linhas de expressão também podem representar milhares de mulheres da cultura para a qual o conto de Chopin foi traduzido, a brasileira, cujo destaque recai, ainda, no fato de a tradutora, Yacubian ser uma mulher e compreender em algum grau as consequências que o domínio sexual traz à vida dela.

Louise sente tão intensamente a mudança após a morte do marido que não consegue conter o que guardou por anos e repete “sem parar entredentes: “livre, livre, livre!”” (CHOPIN, 2017, p. 2). No conto, Louise explicita e efetiva sua liberdade por meio da palavra “livre” e Chopin expõe a falta de liberdade da mulher no casamento ao escrever um conto no qual a personagem só consegue a sensação de liberdade após a morte do marido. Acontece, ainda, a comunicação e a reescrita desse conto por meio da tradução de Yacubian que permite o aproveitamento e a compreensão de uma situação que, como mencionado, muitas mulheres brasileiras e falantes da língua portuguesa também vivenciam, característica que Simon (1996) explica fazer parte das traduções feministas. A partir do exposto, nota-se que, de maneiras diferentes, a linguagem contribui para o processo de criação do significado, como apresentado por Simon (1996, p.7-8), ampliando e expandindo tanto a criação e circulação de um significado do conto, quanto de um discurso social veiculado por ele, cujos componentes significativos serão alcançados e usufruídos pelo público-alvo.

A personagem entende, após um tempo, que o que ela sentia, o sentimento de liberdade, vinha acompanhado de uma autonomia que ela não tinha antes. Chopin escreve “*there would be no one to live for her during those coming years; she would live for herself*” (CHOPIN, 2013, p. 47), reforçando a falta de individualidade que o casamento cristão implica na sociedade, uma noção de que se vive pelo e para o outro, se tornam um só quando consumado o ato, o que pode causar, muitas vezes, uma sensação de sufoco, como a expressada pela personagem no decorrer do conto. Algo interessante a ser pontuado, foi a escolha tradutória feita por Yacubian para o trecho correspondente, que ficou como “Ela não viveria para mais ninguém durante esses anos a não ser para si mesma.” (CHOPIN, 2017, p. 2). O modo que Chopin escreve, pode ser entendida como o marido vivendo por Louise, “*there would be no one to live for her*”, enquanto a escolha de Yacubian resulta no completo oposto, “Ela não viveria para mais ninguém”. Da maneira como Yacubian põe, Louise vivia por seu marido, seu casamento e após o fim disso tudo, com a morte dele, ela

teria a autonomia para viver por si própria, sozinha. Esse trecho evidencia o que Flotow (2014) explica como sendo os rastros deixados pelo tradutor, que tem sua subjetividade assegurada com os novos estudos sobre a tradução. Yacubian deixou sua marca quando usou a estratégia de suplementação, explicada por Simon (1994), como sendo a intervenção do tradutor no texto, que clama por isso, devido às diferenças linguísticas. Yacubian intervém, deixa rastros, mantém ativa sua posição social e ideológica ao reescrever um conto que aborda um assunto que precisa ser discutido, ser repensado e, dessa maneira, usa sua voz e seu lugar como tradutora para se expressar e perpetuar seu ponto de vista.

Supõe-se que a morte da personagem após perceber que o marido não havia morrido seja uma maneira de Louise manter-se livre de uma situação que naquele instante parecia não ter mais volta. Embora extremo, o ocorrido escancara a falta de voz que a mulher tem na sociedade patriarcal, a submissão sofrida e a ânsia por mudança. Chopin precisar escrever sobre esse assunto pode ser interpretado como uma maneira de evidenciar o que muitas mulheres, incluindo ela, não podiam dizer de forma explícita por conta da política sexual baseada em preceitos patriarcais que criou duas culturas distintas aos sexos, explicada por Millet (1970, p. 23-24). Finalmente, a escolha de Yacubian em transformar, recriar, reescrever o texto de Chopin para a língua portuguesa pode ser percebida como uma expressão e uma interpretação de sua visão sobre o patriarcado influenciar de maneira semelhante a cultura e o contexto no qual ela se insere, fazendo com que o que sempre esteve no entre lugar, a mulher, nesse caso, se torne o foco de investigação e os extremos sejam abandonados, como sugerido por Simon (1996, p. 13-15).

Conclusão

À guisa de conclusão, pode-se entender como uma consequência do temperamento imposto a cada sexo, como explica Millet (1970), a pseudo preocupação ao abordar o assunto da morte do Mr Mallard, visto que Louise tinha problema de coração. O temperamento dos sexos pressupõe características aos grupos dominados que são interessantes aos grupos dominantes, portanto, Louise ser considerada fraca, frágil facilita o domínio de seu marido e seu casamento sobre ela. Esse ponto se estende à mulher escritora, que tinha sua voz silenciada e muitas vezes utilizava pseudônimos masculinos para conseguir publicar suas obras, pois eles é que dominavam os cânones e não seria interessante dar voz às mulheres. Em consonância ao temperamento, percebe-se, também, relação com o papel imposto a cada sexo e nesse caso, a discussão engloba a mulher tradutora, que se apropriou das traduções pois não conseguia ter voz como autora, fazendo com que a

tradução se tornasse importante, inclusive, nos movimentos sociais em que elas participavam por propagar o conhecimento, as experiências e trabalhos das mulheres escritoras.

Nota-se, ainda, a maneira como Yacubian interfere, reescreve e se posiciona no texto alvo, transformando passagens em que Chopin deixava mais evidente uma submissão para passagens em que Louise adquiriu mais autonomia e autossuficiência. Segundo Flotow (1997), as traduções feministas que propiciaram essa liberdade nas escolhas e manipulação do texto fonte, como a observada na tradução feita por Yacubian. A interferência feita no texto alvo torna-se importante ao entender o contexto no qual Yacubian reescreve e pensar no impulso que a pode ter levado a escolher este conto como objeto de tradução, ou seja, a subjugação da mulher dentro do casamento, dentro de uma sociedade cujo domínio sexual é predominantemente masculino. Nesse contexto, a tradução de Yacubian, a partir da voz de Chopin ao expor a realidade da mulher da época, cria um novo significado e veicula um discurso social que será alcançado por um público alvo específico, nesse caso, o brasileiro. Acontece, ainda, a expressão do pensamento, ideias de Yacubian ao se apropriar de um texto em um contexto mais antigo que o dela, mostrando que ela possui subjetividade e voz como tradutora ao perpetuar seu ponto de vista enquanto aborda um assunto que precisa ser discutido e repensado.

Por fim, a personagem sofre um ataque cardíaco quando percebe que o marido está vivo e resiste à subjugação, morrendo, escancarando a falta de voz, liberdade e autonomia da mulher em uma sociedade patriarcal e cristã. Por outro lado, Chopin escancara os mesmos pontos ao escrever um conto que aborda o tema do sufoco sofrido pela mulher no casamento e Yacubian reforça o exposto, além de expressar sua opinião sobre a cultura patriarcal com a reescrita do conto e veiculação dele em uma cultura e época diferentes da de Chopin, fazendo com que a mulher, que sempre esteve no entre lugar, esteja, agora, no centro e os extremos sejam abandonados.

REFERÊNCIAS

CHOPIN, Kate. *The dream of an hour*. In: BONNICI, Thomas. *Short stories: an anthology for undergraduates*. 2º ed. Maringá: UEM, 2013.

CHOPIN, Kate. *A história de uma hora*. Tradução de Flávia Yacubian. São Paulo: Balão Editorial, 2017.

MILLET, Kate. Theory of sexual politics. In: MILLET, Kate. *Sexual Politics*. Nova York: Doubleday, 1970.

SIMON, Sherry. Taking gender positions in translation theory. In: SIMON, Sherry. *Gender in translation: cultural identity and the politics of transmission*. London & New York: Routledge, 1996, p. 1-36.

VON FLOTOW, Luise. Interventionism in feminist translation. In: VON FLOTOW, Luise. *Translation and gender translating in the era of feminism*. Manchester: St Jerome Publishing & Ottawa: University of Ottawa Press, 1997, p. 24-29.

VON FLOTOW, Luise. Tracing the context of translation: the example of gender. In: SANTAE-MILIA, José. *Gender, sex and translation: the manipulation of identities*. Nova York: Routledge, 2014, p. 39-51.